

**Sandra Jovchelovitch**

## Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da Razão em Psicanálise, sua imagem e seu público

### Book section

**Original citation:**

Originally published in Jovchelovitch, Sandra (2011) *Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da Razão em Psicanálise, sua imagem e seu público*. In: Almeida, Angela Maria de Oliveira, Souza, Maria de Fátima de and Trindade, Zeidi Araujo, (eds.) *Teoria das representações sociais - 50 anos*. TechnoPolitik Editora, Rio de Janeiro, pp. 159-176. ISBN 9788562313073

© 2011 TechnoPolitik Editora

This version available at: <http://eprints.lse.ac.uk/38411/>

Available in LSE Research Online: March 2014

LSE has developed LSE Research Online so that users may access research output of the School. Copyright © and Moral Rights for the papers on this site are retained by the individual authors and/or other copyright owners. Users may download and/or print one copy of any article(s) in LSE Research Online to facilitate their private study or for non-commercial research. You may not engage in further distribution of the material or use it for any profit-making activities or any commercial gain. You may freely distribute the URL (<http://eprints.lse.ac.uk>) of the LSE Research Online website.

This document is the author's submitted version of the book section. There may be differences between this version and the published version. You are advised to consult the publisher's version if you wish to cite from it.

# **Representações Sociais e Polifasia Cognitiva: Notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em *Psicanálise, sua Imagem e seu Público***

Sandra Jovchelovitch

London School of Economics and Political Science

## **Introdução**

O trabalho de Serge Moscovici abrange um campo vasto de pesquisa e produção teórica, ao mesmo tempo em que propõe uma visão pioneira e transformadora da psicologia social, daquilo que a disciplina é, quer ser e pode ser, ou o que Gerard Duveen denominou a ‘imaginação psicossocial’ (Duveen, 2000). Atravessando um campo de problemáticas que vai desde a questão da natureza (1977, 1994), passando pelos processos que instituem o social (1993, 2000), até o poder transformador das minorias ativas (1976), a obra de Moscovici oferece uma imaginação radical, que introduz um arcabouço teórico capaz de enfrentar os eventos e dilemas que abalaram o século XX e marcam o começo do XXI ao mesmo tempo em que força o encontro da psicologia social com as grandes questões de seu tempo. No centro desta vasta produção está seu estudo sobre a recepção da psicanálise na França (Moscovici, 2008), o livro que caracteriza com precisão a imaginação psicossocial a que se refere Duveen e sintetiza o que é essencial no trabalho de Moscovici. Lá encontramos a afirmação de uma psicologia social

substantiva, aberta ao diálogo com o corpus das ciências humanas e sociais, corajosa e decidida a transformar seus recursos internos para absorver o social e concebê-lo como elemento constituinte no jogo psíquico.

Com *Psicanálise, sua Imagem e seu Público* (daqui em diante PIP) Moscovici funda a teoria das representações sociais e produz um clássico da psicologia social dos saberes, demonstrando a continuidade entre saber e contexto e aquilo que liga a psicologia da racionalidade e da cognição à psicologia da emoção, da experiência e da sociedade. Rejeitando abertamente as âncoras do behaviorismo, do individualismo e do empiricismo ele retorna a Durkheim e propõe o conceito e fenômeno das representações sociais como pilar de uma nova psicologia social atenta à linguagem e a ação comunicativa, voltada para os processos de produção de sentido e as batalhas simbólicas das esferas públicas. *Psicanálise, sua imagem e seu público* é um estudo sobre os processos de comunicação e interação social que tornam a psicanálise um objeto da esfera pública, e a forma como diferentes grupos sociais a apropriam e a transformam à medida que lhe dão sentido. Seu problema central continua tão contemporâneo quanto o foi cinquenta anos atrás: como o saber evolve à medida que se move e é apropriado por diferentes atores sociais? Quais as relações entre a ciência e o senso comum, ou entre diferentes tipos de saber? Como os afetos e lugares sociais dão forma a sistemas de saber? E qual a racionalidade dos saberes do cotidiano vis-à-vis outras formas de saber? Estas são apenas algumas das questões que atravessam o livro enquanto a trajetória da psicanálise na esfera pública francesa vai se delineando.

O cinquentenário da obra nos oferece mais uma oportunidade para refletir sobre sua contribuição e avaliar historicamente questões que Moscovici apresentou na ocasião de sua publicação. Aqui, tratarei do que considero uma das contribuições centrais do trabalho e a forma como o fenômeno a que se refere é aguçado no mundo contemporâneo: a pluralidade da razão e a hipótese da polifasia cognitiva. É iluminador que ambos apareçam em um trabalho dedicado a penetração da psicanálise na esfera pública porque os paralelos entre Moscovici e Freud são muitos quando se trata de questionar a unicidade da razão. Os dois viram linhas de continuidade entre elementos diametralmente opostos, entenderam a coexistência dos contrários e a natureza relacional do existente. Suas teorias também buscam dar conta do pensamento cotidiano, das crenças e do senso comum, que não são vistos como formas inferiores de pensar, mas como necessários e eficazes nas funções que cumprem e no contexto em que são produzidos. Entender que estas formas de pensar são múltiplas e facetadas, e fazem parte de um panorama simbólico marcado pela heterogeneidade é essencial para apreciar a radicalidade do estudo de Moscovici sobre a psicanálise.

## **Pensamento Social e Vida Cotidiana**

A conexão entre a teoria das representações sociais e a vida cotidiana ocupa um lugar fundante na arquitetura conceitual desenvolvida por Moscovici e se apresenta como um problema central das ciências sociais e em particular, da psicologia social. Como entender os fenômenos que se produzem em condições informais, quando atores sociais se engajam nas tarefas ordinárias do dia-a-dia, aparentemente

3

realizando operações banais, que, no entanto, vão construindo o tecido daquilo que um dia chamaremos história? Quais são as verdades que podemos extrair das interações locais, das ordens simbólicas que se fundam nas pequenas solidariedades, nas vozes quase invisíveis do trauma, do conflito, das situações de trabalho, das relações básicas que formam a microesfera do cotidiano? Como estas verdades articulam as grandes questões sociais, e definem o campo dos discursos e representações que cada sociedade define como seu? Estas indagações nos remetem às relações entre os processos macro e os processos micro e a constituição do social como campo simultaneamente sócio-histórico e psicossocial. Pois se é correto afirmar que a história e a sociedade não se reduzem ao campo das operações psicossociais, também é necessário resgatar o simples fato de que elas não se fazem sem a ação cotidiana do sujeito psicossocial, de homens e mulheres comuns, que em dando sentido a experiência vivida, estabelecem sua conexão com a dimensão dos grandes processos sociais.

O resgate do cotidiano e do 'homem comum', aliada a reabilitação do senso comum (Jovchelovitch, 2008a) são temas marcantes não só no estudo sobre a psicanálise, mas também no tratado sobre o comportamento das multidões (Moscovici, 1985) e na psicologia das minorias ativas (Moscovici, 1976). Em todas essas áreas Moscovici demonstrou que é o sujeito do cotidiano, com seus modos de pensar, seus rituais e suas representações sociais que estabelecem a conexão fundante entre a subjetividade e a objetividade dos campos históricos e sociais e definem, redefinem e desafiam o que entendemos por, e chamamos de real. Ao assim fazer ele mostra

que a oposição exagerada entre o pensamento culto e o pensamento popular, entre a ciência e o senso comum, entre as vanguardas e as massas esquece as trocas fundamentais entre essas esferas e como estas são mutuamente constituídas.

É precisamente a ligação intrínseca do cotidiano com a feitura da história e do campo social que permite o entendimento de sua importância enquanto campo produtor de racionalidade. O cotidiano, ou o mundo vivido como o definiram os fenomenologistas (Schutz and Luckman, 1974) constitui a realidade suprema da vida humana e uma conquista evolutiva da nossa espécie. Fonte fundamental de conhecimento, os saberes que nele se originam são elaborados pelo ‘pensamento natural’ descrito em PIP como o pensar que elabora as representações sociais. Definido por um estilo centrado na comunicação voltada para o entendimento e para a relação intersubjetiva, pelo diálogo, pelo jogo de perguntas e respostas imediatas e pela controvérsia e argumentação da esfera pública, o pensamento natural mantém suas relações internas e sua coerência através de um meta-sistema de valores e avaliações centradas em relações e identidades sociais (Moscovici, 2008: 167). Sua lógica interna abrange campos diversos que incluem além do objeto a que se refere, um sistema de relações inter-pessoais e grupais, um modo dialógico de proceder e a utilização de um sistema de valores e julgamentos socioculturais.

É a riqueza e abrangência desta lógica que nos permite entender porque os saberes do cotidiano tem papel fundamental na reprodução de indivíduos, sociedades e culturas. Ainda que diferentes do saber científico e tecnológico, esses saberes não são menos ‘sábios’ nos ‘know-hows e ‘know-whys’ que contém. Pela sua plasticidade

e capacidade de adaptação eles se constituem através de processos de absorção e transformação de outras formas de saber, incluindo o conhecimento científico. Há uma racionalidade na vida cotidiana, expressa nos saberes e 'know-hows' que ela produz, na inteligência dos sistemas de pensar que os humanos desenvolvem enquanto espécie, e na eficácia de seus modos individuais, coletivos e culturais de viver. Essa racionalidade é fruto da dinâmica sociocultural que compõe a arquitetura do pensamento social: a racionalidade do cotidiano é, portanto tão importante e eficaz quanto a racionalidade da ciência e da lógica formal. Privilegiar uma e diminuir a outra faz parte das ilusões da modernidade e dos processos de hierarquização dos saberes, algo que discuto detalhadamente em outro lugar (Jovchelovitch, 2008b). Daí que se o senso comum tem razões não há uma única razão como quis a racionalidade dura da modernidade. Nisso Moscovici se encontrou com Freud.

Desde sua fundação a teoria das representações sociais milita contra a ideia de que os saberes cotidianos são distorção e erro, buscando recuperar o status epistemológico do senso comum, entender as funções que cumpre e as necessidades a que responde. Aquilo que parece irracional ou errado para o observador externo, tem sentido para o sujeito do saber e é em relação ao que expressa e significa para um indivíduo e comunidade que precisamos buscar critérios para pensar a validade e racionalidade dos saberes (Jovchelovitch, 2002). Aqui está a fonte da polifasia cognitiva, que discuto mais adiante. O senso comum não desaparece e não é jamais substituído pela ciência como quis o espírito da modernidade e o projeto do Iluminismo. Como Habermas recentemente observou, o senso comum defende seu

espaço e se transforma na modernidade tardia, tornando-se um ‘senso comum iluminado’ que se abre tanto para a ciência como para as crenças demonstrando o estado de espírito de uma esfera pública de-tradicionalizada que comporta múltiplas vozes (Habermas, 2003).

É interessante observar que esse fenômeno já havia sido predito por Moscovici no começo dos anos sessenta. Nas páginas introdutórias de PIP ele afirma: “Podemos ver o que está ocorrendo: um tipo diferente de saber está tomando forma em um contexto social específico. Ele é adaptado para necessidades diferentes e obedece a critérios diferentes. Ele não está reproduzindo o saber depositado na ciência e que deve permanecer lá; ele está retrabalhando o que encontra lá, como deseja e com os recursos que tem. (...) *O que estamos testemunhando é o nascimento de um novo senso comum que não pode ser entendido em termos de vulgarização, difusão ou distorção da ciência.*” (Moscovici, 2008:xxix, tradução minha e ênfase minha).

A pesquisa mais recente em representações sociais deu continuidade a esse programa, tentando capturar as energias psicossociais que dão forma ao senso comum contemporâneo. A pesquisa de Bauer e Gaskell (Bauer e Gaskell, 2002; Gaskell e Bauer, 2001) sobre a biotecnologia na esfera pública demonstra compreensivamente como o senso comum resiste, redefine e em última instância reconstitui a ciência criando prioridades para a atividade científica, influenciando políticas de desenvolvimento científico e criando linguagens comuns tanto em disciplinas científicas como em campos de aplicação. Aquilo que Wagner (2007) chamou “ciência vernácula” demonstra precisamente esse fenômeno em que o



senso comum se apropria da ciência, lhe transforma e transforma a si mesmo. A pesquisa de Batel e Castro (2009) sobre a inovação legislativa no contexto português vai ainda além demonstrando como os encontros e batalhas entre os saberes de diferentes esferas reconstitui e redefine tanto o senso comum como o saber tecnocrático. Estudos como estes dão continuidade à proposta original de Moscovici, ao mesmo tempo em que desenvolvem e consolidam uma base empírica para avaliar a multiplicidade da razão e a forma como a modernidade tardia confirma e agudiza a hipótese da polifasia cognitiva.

## **Pluralidade na Esfera Pública: Transformação de Saberes e Polifasia Cognitiva**

A consequência lógica do reconhecimento e reabilitação dos saberes do cotidiano é o reconhecimento da diversidade dos padrões cognitivos que caracterizam o panorama simbólico humano. De fato, este é um eixo central para a teorização em representações sociais. Em PIP Moscovici deu consequência a esse reconhecimento demonstrando que a psicanálise não se desvaloriza ou se destrói quando é transformada em representação social pela esfera pública. A representação social é um saber ela também, que não pode ser considerado idêntico ao da ciência, mas que nem por isso deixa de ser um saber. Quando a ciência se torna representação social ela não perde a racionalidade. Antes, ela assume uma *outra* racionalidade. Essa racionalidade possui lógica própria, a ser entendida e considerada em termos próprios, e não com referência a um padrão lógico ideal, que nega a variação dos fenômenos cognitivos concretos e sua

8

realização nos vários contextos humanos. De certa forma, toda a obra de Moscovici tenta corroborar esse postulado como quando demonstra a inteligência e capacidade simbólica do senso comum, o poder criador das multidões e a força transformadora das minorias ativas. Ainda que não haja aqui espaço para uma discussão mais detalhada, cabe lembrar o quanto a multidão e o social, por estarem associados ao emocional e a perda do controle individual, foram vistos como o lugar do irracional e da falta de lógica (Mosocovici, 1985). Foi este o avatar mais profundo que Moscovici rejeitou. Comunidades e não apenas indivíduos são capazes de pensar e entender como elas o fazem é um projeto necessário para a psicologia social (Jovchelovitch, no prelo).

A socialização dos saberes e a diversidade cognitiva que lhe caracteriza é um fenômeno básico das comunidades humanas e uma marca central das sociedades contemporâneas. O mundo em que vivemos não apenas é marcado por novas combinações de tempos e lugares (Giddens, 1992), como também apresenta altos níveis de saturação simbólica decorrente das novas tecnologias sociais e de uma esfera pública cada vez mais digitalizada. O pensamento e o saber do Outro estão distante um 'click' apenas: determinar como esse potencial de encontros se realiza e forma o processo representacional é um grande desafio para a psicologia social.

Em PIP esse problema também já se anunciava. O estudo não apenas reabilita os saberes do cotidiano e resgata o que é específico à lógica do pensamento social como também elabora o processo de transformação dos saberes, através da apropriação da psicanálise por três diferentes grupos sociais na Paris dos anos

cinquenta. Ao ser apropriado pelo público francês o conhecimento psicanalítico não é distorcido ou vulgarizado e sim *transformado* em outra forma de saber, que expressa sentidos simbolicamente relevantes para as comunidades e públicos que lhe apreendem. Ao utilizar a psicanálise como um caso para a análise dos processos de transformação do saber Moscovici estava de uma só vez questionando a superioridade da ciência em relação ao senso comum e demonstrando que a pluralidade de vozes que caracteriza esferas públicas contemporâneas – já bastante visível na metade do século XX – interfere e constitui a tessitura do saber.

As representações da psicanálise que emergem no estudo demonstram a forma como a comunicação e interação entre diferentes atores sociais produzem campos sócio-cognitivos plurais, marcados tanto por contradições e divergências internas como por coexistência e combinação de visões. Não se trata como mostrou Moscovici, de deslocar o senso comum e torná-lo saber superior, ‘correto’, idêntico ao saber produzido nos centros de formação, e descrito nos livros de psicanálise. Isso não é possível por várias razões: primeiro porque dada a relação entre saber, comunicação e contexto, todo saber muda quando se move no espaço social. Segundo, porque sua apropriação pela esfera pública o enriquece e o faz funcional. Como Lagache observou em seu prefácio a obra, são precisamente as representações sociais sobre a psicanálise que corrigem ‘certos excessos’ do saber psicanalítico porque elas carregam o bom senso que encontramos no senso comum.

É a partir desse contexto teórico e empírico que Moscovici propõe a hipótese da polifasia cognitiva. A análise das representações sociais da psicanálise havia explicitado a variabilidade e plasticidade do senso comum e a forma como ele se ajusta e muda através da dialogicidade e interação social. A diversidade de situações e experiências culturais que encontramos requer esforços adaptativos e uma plasticidade crescente de nossos saberes e motivações. Por isso o modo como representamos o mundo é múltiplo. A natureza polifásica de nossos sistemas cognitivos é em si altamente adaptativa e funcional para a vida humana (Renedo e Jovchelovitch, 2007). Nossas formas de saber são sábias em relação às questões pragmáticas da vida cotidiana possibilitando a indivíduos e comunidades humanas responder a experiência vivida a cada dia.

Moscovici definiu a polifasia cognitiva como a coexistência de formas diferentes de saber no mesmo campo representacional: “... a coexistência dinâmica – interferência ou especialização – de modalidades distintas de saber, correspondendo a relações definidas entre o homem e seu meio-ambiente, *determina um estado de polifasia cognitiva*” (Moscovici, 2008:190, *ênfase no original, minha tradução*). Ainda que Moscovici tenha se preocupado em enfatizar que a polifasia cognitiva se colocava como hipótese, ele estava convencido que ela poderia alargar nossos horizontes investigativos porque nos permitiria conceber sistemas cognitivos como sistemas em desenvolvimento e não como sistemas que tendem unicamente ao equilíbrio. Ela abre avenidas de investigação tanto sobre as correspondências entre modalidades de saber e

situações sociais como para a análise das transformações dessas modalidades de saber, das relações que estabelecem e sua adaptação.

Nestas relações entre saberes e contexto e entre os múltiplos saberes que compõe campos representacionais encontramos o ponto focal de uma psicologia social genética (Duveen, 2008) que dê conta de entender as gêneses e evolução da cognição social e dos processos psíquicos de forma geral. Para Moscovici (2000) a polifasia cognitiva é intrínseca a vida psíquica assim como a polissemia é intrínseca a linguagem. A noção captura a flexibilidade e plasticidade das estruturas psicológicas humanas e a expressividade social de campos representacionais, que em suas tensões e diversidade interna, constituem a sociogenia de novas representações.

### **Como Estudar Representações Sociais?**

A partir de uma psicologia social genética delineada nas páginas de PIP buscamos a inspiração para formular uma visão sobre o estudo das representações sociais que pode ser descrita como uma abordagem sociocultural (Jodelet, 2002; Duveen, 2007; Jovchelovitch, 2008b ). Nesta abordagem definimos as representações sociais como ponto móvel dentro de um sistema de transformações que compreende um jogo representacional derivado de relações intergrupais e interinstitucionais na esfera pública bem como dos processos de reprodução e renovação da cultura. A tentativa de isolar representações sociais sobre um objeto dá-se dentro de um contexto teórico e investigativo que as vê sempre como objetividade instável, uma abstração que fixa o momento de sua captura para efeitos de análise, mas que a seguir busca

devolvê-las teoricamente para o campo de processos que as produzem. Compreendendo esse jogo representacional estão os diversos saberes que constituem a polifasia dos campos simbólicos, as identidades e interesses dos atores (o que Moscovici chamou de foco em PIP), os processos de comunicação entre atores coletivos e/ou individuais e as representações historicamente consolidadas, que pré-estabelecem o panorama com o qual nos deparamos como pesquisadores.

Ainda que os estudos descritivos das noções gerais e temáticas associadas a um objeto social tenham um papel importante a cumprir no mapeamento do conteúdo das mentalidades contemporâneas, tal enfoque está longe do que o estudo original de Moscovici envolveu e do que a proposta teórico-metodológica da teoria das representações sociais propõe. O estudo das representações sociais é mais do que a listagem de sentidos verbalizados sobre objetos, e sim uma tentativa de abarcar o *enquadre do jogo representacional* e sua complexidade em esferas públicas.

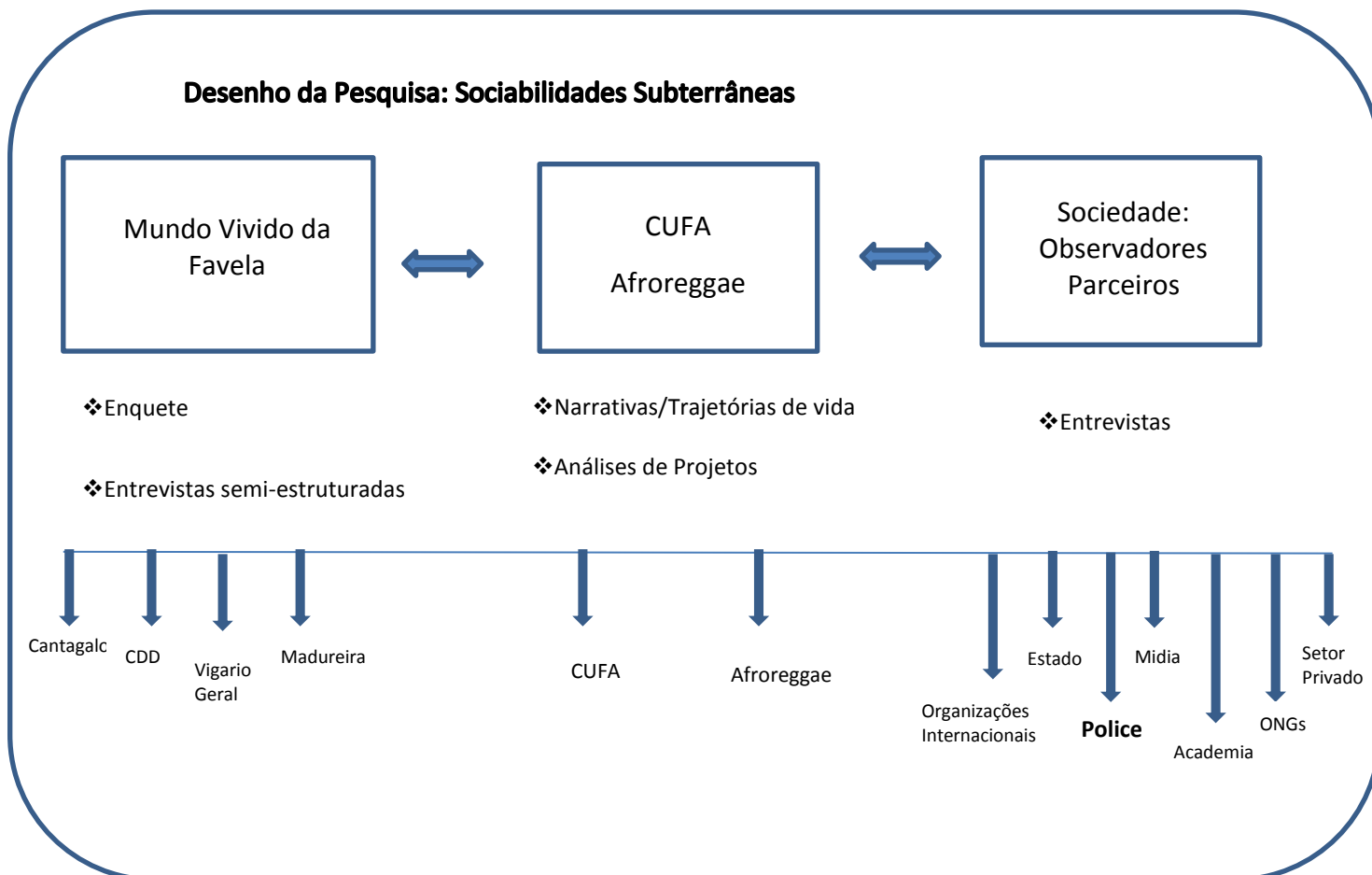
O estudo que ora desenvolvemos sobre sociabilidades subterrâneas em favelas cariocas captura o modelo que propomos. É um modelo que se funda amplamente no programa de pesquisa proposto por Bauer e Gaskell (1999), e que foi recentemente atualizado pelos autores (Bauer e Gaskell, 2008) para levar conta as relações e conflitos intergrupais típicos de esferas públicas de-traditionalizadas. Nosso estudo lida diretamente com relações intercomunitárias e como elas definem o campo de representações e práticas que definem sociabilidades subterrâneas. O projeto busca compreender as sociabilidades que se mantêm invisíveis em relação à sociedade dominante e os processos de organização comunitária e social que

permitem a essas sociabilidades gerar mudanças positivas e resistir à exclusão e marginalização – no caso com o mapeamento do trabalho das organizações CUFA e Afroreggae.

Não temos uma única dimensão que permita identificar as representações sociais sobre “X”. Utilizamos a teoria das representações sociais para nortear a pesquisa e seu desenho e capturar o enquadre do jogo representacional que configura nosso objeto. Aproximamo-nos do objeto através do mapeamento das relações intercomunitárias que circunscrevem as sociabilidades subterrâneas e os atores que as representam. Trabalhamos com um enfoque multi-metodológico envolvendo a combinação de dados quantitativos e qualitativos, tais como a enquete de opinião, entrevistas semiestruturadas, entrevistas narrativas e análise de documentos e dados quantitativos secundários. Nosso objetivo é entender o jogo representacional que define o mundo vivido da favela e a relação entre a favela e a cidade, bem como este jogo configura as batalhas representacionais sobre a visibilidade e invisibilidade do que é positivo e negativo nas rotas de sociabilidade abertas para o sujeito favelado. Como falam de si e como são falados por outros? Como entender os processos de auto definição, empoderamento e travessia que dão visibilidade ao invisível? Porque essas experiências dão certo e como elas podem informar outros contextos? Não é possível responder a estas questões sem um entendimento de como emergem as representações sociais da favela, do sujeito favelado e da cidade, de quais vozes as determinam e de como experiências inovadoras e transformadoras balançam a geografia espacial e simbólica que organiza a realidade que elas evocam.

Neste estudo as representações sociais se definem na encruzilhada dos pontos de contato entre as representações e práticas de diferentes agentes, grupos sociais e políticas institucionais. São essas travessias, que concebemos como plataforma de encontros na esfera pública que delimitam o campo empírico de formação das representações sociais.

A figura abaixo procura demonstrar como o desenho da pesquisa apreende esse modelo.





A CUFA e Afroreggae constituem os atores institucionais que fazem a mediação entre o mundo vivido da favela, representado por quatro comunidades do Rio de Janeiro (Cantagalo, Cidade de Deus, Vigário Geral e Madureira) e a sociedade mais ampla, representada pelo estado, a mídia, a academia, organizações não-governamentais, o setor privado e a instituição polícia. Esta confluência de atores representa não apenas diversidade de vozes, mas também diversidade de relações que marcam o processo de construção das sociabilidades subterrâneas. As relações entre favela e polícia ou entre a academia e a favela, ou entre a mídia, a polícia e a favela, já nos fornecem uma ideia inicial dessa diversidade e apontam para a polifasia dos campos representacionais que se formam na encruzilhada onde o objeto de estudo se forma.

Essa dinâmica oferece a oportunidade de estudarmos a gênese dos processos representacionais bem como sua correspondência com os contextos nos quais emergem. Ao mesmo tempo permite-nos observar a dinâmica da comunicação entre os diversos atores e como a comunicação entre esferas diferentes de saber forma o campo representacional. A análise inicial desse campo demonstra claramente sua natureza polifásica, e a forma como a confluência de múltiplos saberes expressa-se nas representações sociais que constituem sociabilidades subterrâneas.

\*\*\*\*\*

Da problematização do cotidiano enquanto campo de produção histórico-social de saber, ao reconhecimento da diversidade dos saberes e processos cognitivos até a hipótese da polifasia cognitiva, o estudo de Moscovici sobre a psicanálise oferece uma plataforma conceitual e empírica que não apenas lida produtivamente com as ilusões que definiram a razão dura e una da modernidade, mas também a redefine como razão situada, marcada por heterogeneidades internas que longe de a comprometerem como base da cognição a enriquecem e a ligam a vida real.

Nesta plataforma encontramos a inspiração para estudar as representações sociais como processo genético, momentos instáveis de sistemas em constante movimento, resultado móvel de um jogo representacional que envolve multiplicidade de atores, instituições e significados culturais. Como campos instituídos e instituintes (Jodelet, 1989) as representações sociais são sistemas de transformações, e ainda que seja um desafio assim concebê-las é necessário fazê-lo para que possamos dar continuidade e consequência ao trabalho iniciado por Moscovici.

Sua problematização do cotidiano nos conduz a um patamar que vai além da observação das mentalidades contemporâneas, tentando desvendar seus processos de produção, e mais importante ainda, oferecendo caminhos para intervir em seus possíveis processos de transformação. Nós sabemos que a forma como as comunidades humanas constroem representações e práticas sobre uma variedade de questões dá forma à maneira como estas questões são vividas e experienciadas por sujeitos sociais. Toda representação social possui uma dimensão que dá concretude ao social ao mesmo tempo que institui a matriz social, cultural e histórica

do sujeito psicológico. Isso significa reconhecer que as representações sociais não são inocentes; elas também atravessam espaços de poder que necessitam questionamento e ação social. Creio que uma das mais importantes contribuições da psicologia social das representações vinculada ao cotidiano é precisamente o de ressaltar a necessidade da intervenção e da transformação, tanto dos cotidianos como dos saberes que lhe sustentam.

Também a hipótese da polifasia cognitiva nos ensina que não é necessário separar radicalmente os saberes nem tampouco eliminar suas diferenças. A polifasia cognitiva não é simples porque o diálogo com a diferença jamais é simples. Mas é nessa diferença e nas continuidades e descontinuidades que ela sustenta que reside o potencial de todo saber humano. É ela que revela a plasticidade e flexibilidade que os seres humanos demonstram nos processos de construção do saber, um processo que somente sob a égide da violência substitui um saber pelo outro ou erradica saberes. Como processo fundante a diferença faz os saberes polifásicos, capazes de combinar a cognição e a emoção, o pensamento abstrato e a ação, a ciência e o senso comum.

Nos escritos de Serge Moscovici está o entendimento de que o campo da atividade simbólica humana é vasto e diversificado, capaz de funcionar como mito, folclore, crença, sonho, ideologia, religião, ciência, senso comum; um campo que tanto nos enquadra no mundo como nos abre para ele, que nos ajuda a ler o real com precisão e ao mesmo tempo nos liberta para desconsiderá-lo, de modo que a imaginação humana possa voar e nesse voo buscar sonhos e redefinir projetos. Neste vasto

campo estão as histórias humanas, as muitas narrativas e práticas desenvolvidas por homens e mulheres sobre o que percebem, veem e sentem, sobre suas dores e suas esperanças, sobre os valores e ideias que querem sustentar e transmitir. Esta é a lição maior que tenho comigo da psicologia social de Moscovici: contextualizar o pensamento e o saber, ligar a cognição à vida e por a razão no seu lugar.

## **Bibliografia**

BAUER, M.W. and GASKELL, G. (1999) Towards a paradigm for research on social representations, *Journal for the Theory of Social Behaviour* **29**, 2, 163-186.

BAUER, M.W. and GASKELL, G. (eds) (2002) *Biotechnology: The making of a global controversy*, Cambridge: Cambridge University Press.

BAUER, M. e GASKELL, G. (1998) Social Representations: A progressive research programme for social psychology. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 38, 4, 335-353.

CASTRO, P. e BATEL, S. (2009) A Social Representations Approach to the Communication between Different Spheres: An Analysis of the Impacts of Two Discursive Formats. *Journal for the Theory of Social Behaviour*. 39, 4, 415-433.

DUVEEN, G. (2007) Culture and Social Representations. In J. Valsiner and A.Rosa (Eds.) *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*. (pp.543-559). Cambridge: Cambridge University Press.

DUVEEN, G. (2008) Introduction. In S. Moscovici, *Psychoanalysis, its image and its public*. (xi-xvii), Cambridge: Polity Press.

DUVEEN, G. (2000) Introduction: The power of ideas, in S. Moscovici, *Social Representations: Introductions and Explorations*, (pp. 1-17), Cambridge: Polity Press.

GASKELL, G. and BAUER, M. W. (eds) (2001) *Biotechnology, 1996-2000*, London: The Science Museum.

GIDDENS, A. (1992) *The Self and Modernity*. Cambridge: Polity Press.

HABERMAS, J. (2003) *The Future of Human Nature*. Cambridge: Polity Press.

JODELET, D. (1989) Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (ed.) *Représentations Sociales*, Paris: Presses Universitaires de France.

JODELET, D. (2002) 'Les représentations sociales dans le champ de la culture', *Social Sciences Information*, 41, 1, 111-133.

JOVCHELOVITCH, S. (no prelo) *How Communities Think*. London: Routledge.

JOVCHELOVITCH, S. (2008a) The Rehabilitation of Common Sense: Social representations, knowledge and cognitive polyphasia. *Journal for the Theory of Social Behaviour*. 38, 4, 431-448.

JOVCHELOVITCH, S. (2008b) Os Contextos do Saber: Representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes.

JOVCHELOVITCH, S. (2002) 'Re-thinking the diversity of knowledge: cognitive polyphasia, belief and representation', *Psychologie & Société*, 5, 1, 121-138.

MOSCOVICI, S. (2008) *Psychoanalysis, Its Image and Its Public*. Cambridge: Polity Press.

MOSCOVICI, S. (2000) *Social Representations: Explorations in social psychology*. Cambridge: Polity Press. .

MOSCOVICI, S. (1994) *La société contre nature*, Paris: Seuil.

MOSCOVICI, S. (1993) *The Invention of Society: Psychological explanations for social phenomena*, Cambridge: Polity Press.

MOSCOVICI, S. (1985) *The Age of the Crowd: A historical treatise in mass psychology*, Cambridge: Cambridge University Press.

MOSCOVICI, S. *Essai sur l'histoire humaine de la nature*, Paris: Flammarion, 1977.

MOSCOVICI, S. (1976) *Social Influence and Social Change*. London: Academic Press.

RENEDO, A. and JOVCHELOVITCH, S. (2007) Expert knowledge, cognitive polyphasia and health: a study on social representations of homelessness among professionals working in the voluntary sector in London. *Journal of Health Psychology*, 12, 5, 779-790.

SCHUTZ, A. and LUCKMANN, T. (1974) *The Structures of the Life-World*. London: Heineman Educational Books Ltd.

WAGNER, W. (2007) Vernacular science knowledge: its role in everyday life communication. *Public Understanding of Science*, 16: 7-22